

Valor Empresarial entrega 1,11% em maio e acumula 14,13% nos últimos 12 meses

Relatório de Desempenho · Plano Valor Empresarial · Maio de 2026 · IPCA-15: 0,62%

Maio foi um mês desafiador para os mercados, mas o Plano Valor Empresarial registrou o melhor desempenho de maio entre todos os planos administrados pelo Sebrae Prev. O plano rendeu 1,11% no mês, superando o IPCA-15 de 0,62% e o Benchmark Híbrido de 0,91%. O resultado é especialmente positivo considerando que a bolsa brasileira recuou 7,22% no mesmo período.

No acumulado dos últimos 12 meses, o Valor Empresarial registra 14,13%, muito acima da inflação acumulada de 4,64% no período. O ganho real em 12 meses é de 9,49 pontos percentuais. Nos últimos seis meses, o plano acumula 6,45%, também acima do benchmark de 6,68% nesse intervalo. A carteira mantém uma trajetória de crescimento real consistente.

O Valor Empresarial é um plano mais recente no portfólio do Sebrae Prev e o histórico acumulado desde março de 2020 ainda não está disponível para comparação com o período da pandemia. Ainda assim, os dados disponíveis nos últimos 12 meses mostram que o plano entrega ganho real consistente acima da inflação, com rentabilidade que supera o benchmark de referência e protege o patrimônio dos participantes.

DESEMPENHO · VALOR EMPRESARIAL · MAIO DE 2026

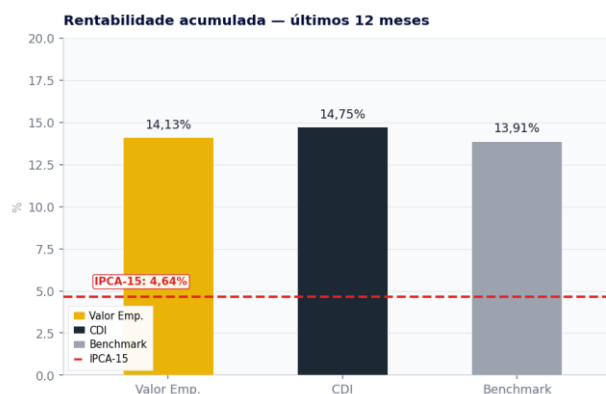
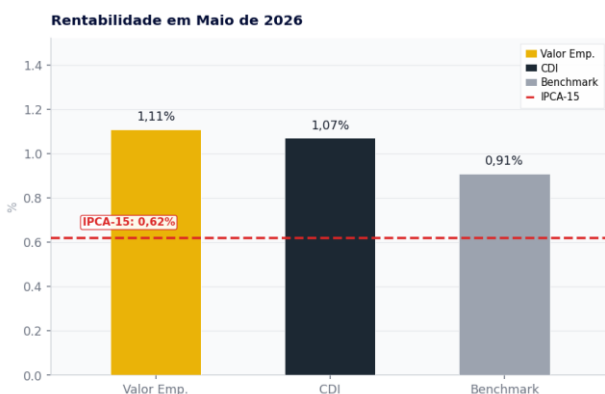
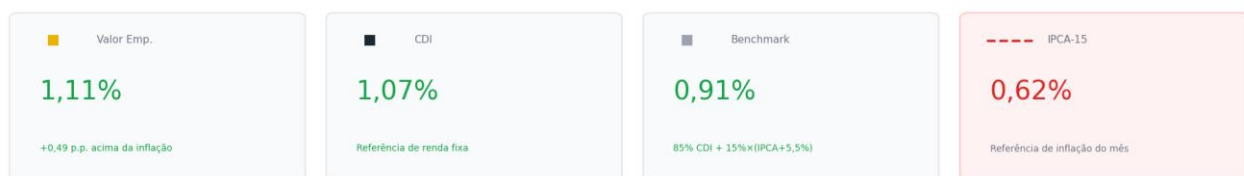


TABELA DE DESEMPENHO CONSOLIDADO

Perfil / Plano	Maio	6 meses	No ano	12 meses
● Valor Empresarial	1,11%	6,45%	5,46%	14,13%
● Benchmark	0,91%	6,68%	5,47%	13,91%
● CDI	1,07%	6,95%	5,66%	14,75%
● IPCA-15	0,62%	3,03%	3,03%	4,64%

O QUE ACONTECEU NOS MERCADOS EM MAIO

O banco central americano manteve os juros inalterados, mas o mercado reviu suas expectativas. Com o mercado de trabalho nos EUA ainda aquecido e a inflação acima das metas em várias economias, a perspectiva de corte de juros ao longo de 2026 se dissipou. A consequência direta foi a abertura das taxas longas americanas, com os papéis de 30 anos chegando ao nível mais alto desde 2007, em torno de 5,1% ao ano. Quando os juros longos nos EUA sobem, o fluxo de capital muda de direção: ativos americanos ficam mais atrativos, investidores reduzem exposição a mercados emergentes e o custo de financiamento sobe para países endividados. Bolsas globais sentiram isso de formas diferentes: empresas de tecnologia e inteligência artificial sustentaram ganhos, enquanto setores mais dependentes de crédito recuaram.

A situação no Oriente Médio se manteve como vetor de pressão sobre commodities. O risco de interrupção nos fluxos de petróleo pelo Estreito de Ormuz, rota por onde passa parte significativa do petróleo consumido no mundo, manteve os preços do barril elevados e adicionou incerteza sobre a inflação global de energia e alimentos. A Europa, por ter atividade econômica mais fraca, teve comportamento oposto ao dos EUA na renda fixa, com taxas caindo levemente e abrindo espaço para bancos centrais da região agirem com mais flexibilidade.

No Brasil, o IPCA-15 de maio ficou em 0,62%, com desaceleração frente a abril (0,89%), mas o acumulado em 12 meses chegou a 4,64%, acima do teto da meta. A inflação de serviços segue pressionada, com mercado de trabalho aquecido e rendimentos crescendo acima da produtividade. Esse quadro manteve o Banco Central cauteloso: a Selic permanece em 14,5% ao ano e o mercado reduziu as apostas em cortes ao longo de 2026. A bolsa brasileira caiu 7,22% em maio, pressionada pela combinação de juros altos, saída de capital estrangeiro e menor apetite por risco. No campo político, o governo recuperou aprovação com medidas de apelo popular, mas as indefinições para 2026 mantêm os investidores em compasso de espera.

Benchmark Híbrido: 85% CDI + 15% × (IPCA-15 + 5,5% a.a.) · IPCA-15 utilizado como referência (IPCA oficial de maio/2026 ainda não divulgado) · Histórico desde março/2020 não disponível para o Valor Empresarial. Gráfico de longo prazo exibe os últimos 12 meses. · Fonte: Sebrae Prev / IBGE / Anbima · Junho de 2026